



## EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO: uma proposição terminológica e conceitual

### *INFORMATION EDUCATION: a terminological and conceptual proposition*

Marianna Zattar<sup>1</sup>

 0000-0002-3328-3591

Maria de Fatima S.O. Barbosa<sup>2</sup>

 0000-0003-3376-2418

Jussara Borges<sup>3</sup>

 0000-0003-0157-8691

#### RESUMO

A proposta deste artigo é trazer uma discussão sobre a noção de educação em informação sob o ponto de vista terminológico e conceitual. Para tanto, o artigo discute a compreensão por trás do termo “educação em informação” no campo de estudos da Informação a partir da perspectiva da Linguística. Essa discussão considera a perspectiva social da informação na medida em que a educação pode promover a crítica. Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de um artigo teórico, de abordagem qualitativa e exploratório quanto ao objetivo. Conclui que a educação em informação é um processo no qual o sujeito social utiliza os aportes recebidos da educação para construir sentido e realizar uma avaliação crítica da realidade construindo a informação.

**Palavras-Chave:** Educação em informação. Linguística. Competência em informação.

#### ABSTRACT

*This article aims to discuss information education from a terminological and conceptual point of view. To this end, the article discusses the understanding behind the term “information education” in Information Studies from the perspective of Linguistics. This discussion considers the social standpoint of information insofar as education can promote criticism. This paper has a theoretical methodology with a qualitative and explorative approach. It concludes that information education is a process and a practice in which the social subject uses the contributions received from education to build meaning and critically assess reality by creating information.*

**Keywords:** Information Education. Linguistics. Information Literacy.

---

Artigo submetido em 17/08/2023 e aceito para publicação em 31/12/2023.

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. mariannazattar@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. fatima.barbosa@facc.ufrj.br

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. Universidade Federal do rio Grande do Sul. jussara.borges@ufrgs.br

## 1 INTRODUÇÃO

Embora a conexão entre educação e informação venha de longa data, apenas recentemente a dimensão formativa perante a informação ganhou força nas discussões não só acadêmicas, mas de outros setores da sociedade, alcançando, inclusive, discussões na esfera pública. São conhecidos os exemplos e situações nas quais informações enganosas, fraudulentas ou descontextualizadas embasam decisões políticas, econômicas e sanitárias. Esse contexto ensejou diversos grupos – de juristas a jornalistas, e também bibliotecários e educadores – a que direcionassem esforços em prol dessa educação para lidar com o universo informacional da atualidade.

Contudo, se por um lado os problemas gerados pela desinformação são bem conhecidos, por outro, há um vasto caminho a ser percorrido na busca por soluções de enfrentamento ao fenômeno. Uma das soluções mais promissoras parece ser a educação em informação, porque atua na raiz do uso da informação, ou seja, prepara as pessoas para que possam escolher e gerar conteúdos corretos, úteis e saudáveis a partir de um processo educativo que promove a crítica a partir da solidariedade e a corresponsabilidade.

Neste sentido, tem-se a perspectiva que considera a necessidade de ações que promovam a *information literacy*. Exemplo disso foi a publicação “*A multi-dimensional approach to disinformation: report of the independent High level Group on fake news and online disinformation*”, da Comunidade Europeia, que em 2018 indicou a *information literacy* como possibilidade no combate à desinformação. No Brasil, especificamente no campo da educação, destaca-se a indicação da educação midiática presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No campo de estudos da informação, diversas iniciativas em prol da educação em informação vêm sendo desenvolvidas ao redor do mundo, usualmente em torno do conceito de *information literacy*. No Brasil, tais iniciativas ganham denominações diversas, como de competência em informação, educomunicação, educação para a informação, educação midiática, promoção de competências infocomunicacionais, infoeducação, entre outros. A variedade da representação demonstra uma disputa a partir da terminologia ou, ainda, a

distinção a partir das teorias utilizadas (Teoria crítica ou sociocultural, por exemplo) e do significado atribuído.

Assim, a proposta deste artigo é trazer uma discussão sobre a noção de educação em informação de modo que seja possível considerar a perspectiva social da informação na medida em que se considera que a educação pode promover a crítica. Para tanto, além do aspecto terminológico, o artigo discute a compreensão por trás do termo “educação em informação” no campo de estudos da Informação a partir da perspectiva da Linguística.

Por se tratar de discussão teórica, a pesquisa é de cunho qualitativo em seu escopo e de natureza exploratória quando ao objetivo. Como metodologia, foi realizada pesquisa bibliográfica em livros e artigos das áreas em foco de modo a apoiar a discussão aqui apresentada.

Este artigo surgiu da colaboração entre três grupos de pesquisa - InfoCom<sup>5</sup>, LabCoInfo<sup>6</sup> e OCADCi<sup>7</sup>, que têm em comum o interesse pelo aspecto da informação como prática discursiva. As pesquisadoras destes grupos de pesquisa são docentes em Biblioteconomia, o que reflete a formação e a ação biblioteconômica na relação entre Educação, Linguística e Informação.

Assim, a metodologia empregada envolveu discussões conceituais entre as autoras a partir de seus campos de conhecimento e autores de base, levando a um artigo teórico. A abordagem é qualitativa, uma vez que os conceitos são colocados em tensionamento levando a conclusões argumentativas. Quanto ao objetivo, a pesquisa é exploratória, já que se exploram possibilidades nominativas para a relação entre informação e educação.

## **2 PARA OU EM: A PREPOSIÇÃO QUE NOS DEFINE**

Uma questão importante nesta discussão diz respeito à opção pelo uso do sintagma *Educação em Informação* em detrimento de *Educação para Informação*, sintagmas compostos por SUBST + PREP + SUBST. A escolha por este ou aquele sintagma para o ato de comunicar perpassa vários fatores, em

---

<sup>5</sup> Grupo de Pesquisa em Competências Infocomunicacionais (InfoCom); mais informações em <https://www.ufrgs.br/infocom/>

<sup>6</sup> Laboratório de Competência em Informação e Prática Informacional (LabCoInfo); mais informações em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/676333>

<sup>7</sup> Organização do Conhecimento e Análise (Crítica) do Discurso nas Ciências (OCADCi) mais informações em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/755382>

diálogo ou dissenso, e atravessa campos políticos e sociais, a depender do contexto.

As proposições ‘*em*’ e ‘*para*’, em sua acepção prototípica, pouco diferem uma da outra e, sendo assim, buscou-se refletir sobre a escolha da preposição para compor o sintagma a partir dos objetivos a alcançar nesta investigação.

Não é intenção se debruçar sobre aspectos mais profundos da gramática da língua portuguesa, mas demonstrar a escolha sob a perspectiva semântica das preposições “*em*” (do lat. *in*), e “*para*” (*pera*), do lat. *per* + *ad*, pelo viés da linguística cognitiva. Chiavegatto (2009) afirma que em linguística cognitiva o interesse está nos processos de construção de significados, nas interações. Para a autora, “os significados não são propriedades das formas, mas são contextualmente construídos” (Chiavegatto, 2009, p. 84).

Perini-Santos (2011; 2015) postula que existem duas análises para o significado das preposições das línguas novilatinas: “(i) sua interpretação a partir de elementos cognitivos oferecidos por esquemas espaciais e (ii) sua interpretação via traços semânticos residuais recuperáveis de seu processo de gramaticalização” (Perini-Santos, 2011, p. 39).

Cunha e Cintra (2001) observam que a relação estabelecida entre palavras ligadas por preposição pode indicar *movimento* ou *não movimento*, exprimir um movimento ou uma situação daí resultante. Os autores acrescentam que tanto o movimento quanto a situação podem ser considerados com referência a ‘espaço’, ‘tempo’ e ‘noção’. Estes três fatores norteiam os significados aplicados às preposições nos contextos em que vêm inseridas (Cunha; Cintra, 2001).

Nessa perspectiva, cita-se Perini-Santos (2015) de antemão, pois, o autor pontua que os estudos sobre preposições apontam lacunas e acidentes que não podem ser desconsiderados, o que indica que estamos lidando com um item lexical que pode apresentar algumas facetas a depender do uso que se pretende fazer. O autor esclarece que

[...] ‘lacunas e acidentes’ são elementos sociais, estéticos, geográficos, políticos e acidentais, que, a meu ver, devem ser incorporados às explicações para que se compreenda o porquê da existência de casos diferentes. Me agrada a ideia de questionar a sustentada autonomia da gramaticalização e dos esquemas cognitivos (Perini-Santos, 2015, p. 31).

Essa ressalva é pertinente para essa reflexão uma vez que não se trata aqui de regência de verbos. A preposição aqui está funcionando como um conector entre dois nomes. No entanto, a razão da escolha por 'em' não deixa de ter um componente semanticizado, no qual entende-se que há um movimento de a Educação ir até a Informação, carregando nesse trajeto o conteúdo que se deseja para destrinchar questões dessa área.

As gramáticas tradicionais do português do Brasil (GPB) definem as preposições como elementos léxico-gramaticais invariáveis pois são elementos pertencentes a uma classe gramatical fechada, ou seja, não há criação de novos termos a partir das preposições. De acordo com Rocha Lima (1974, p. 157), “a preposição mostra que entre o antecedente e o conseqüente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo”. Para Cunha e Cintra (2001) “preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração”. Nesse caso, salienta-se que nem sempre estes itens lexicais estão dentro de uma oração, como é o caso de alguns sintagmas nominais (por exemplo: educação a distância). A preposição tem, portanto, o papel de subordinar “um elemento da frase a outro, apresentando o segundo como complemento do primeiro” (LIMA, 1974, p. 157), estabelecendo, então, uma relação espaço-temporal (DICIONÁRIO [...], 2006), consoante a definição de Neves (2000) ao postular que preposições são itens gramaticais pertencentes à esfera das relações e processos e atuam na junção dos elementos do discurso.

Mattoso Câmara Jr., em seu Dicionário de Linguística e Gramática (1978), define preposições como “vocábulos que servem de morfema de relação para subordinar adjunto a substantivo ou complemento a um verbo”, fenômeno que recebe o nome de regência (Câmara Jr., 1978, 198). Acrescenta ainda que as preposições possuem noções categóricas de: posse, de posição, de direção, de proveniência, etc e que do ponto de vista diacrônico as preposições da língua portuguesa provêm: i) de preposições do latim (*a, de, por*, etc); ii) pelo processo de aglutinação (caso do *para per + ad > para*); iii) de palavras portuguesas que sofreram gramaticalização (*conforme, exceto, salvo, etc*); por locuções nominais (preposição latina + substantivo gramaticalizado (*em vez de*); por locuções adverbiais seguidos de *de* (*antes de; depois de*, etc) (Câmara Jr., 1978).

No ranking de uso das preposições, Perini-Santos (2011) destaca que desde o século XIV ao momento atual, a preposição *de* é a mais utilizada, seguida de: *por*, *a*, *em*, *para*, *com*, respectivamente. Ou seja: *em* e *para* não são as mais utilizadas pelos falantes.

Na gramática descritiva, Perini (2006, p. 334) define que preposição “é a palavra que precede um Sintagma Nominal (SN), formando o conjunto um Sintagma Adjetivo (SAdj) ou um Sintagma Adverbial (SAdv).

Os deslocamentos no uso das preposições “*em*” e “*para*” têm suscitado muitas discussões. “*Em*” indicando *movimento* significa superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro do espaço, tempo e noção. Quando indica *situação* significa no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de.

A preposição ‘*para*’ indicando *movimento* significa tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva; predomina a ideia de direção sobre a do término do movimento.

Retomando, então, a perspectiva da linguística cognitiva para este trabalho, Vilela e Rocha (2017, p. 298) enfatizam que

O cognitivismo busca explicar a linguagem por meio da cognição humana. No domínio das preposições, são mobilizadas três bases de conhecimento: imagético, modelos cognitivos idealizados e a própria língua como base do conhecimento. Essas bases são conduzidas pelas habilidades cognitivas através de recursos comparativos.

Utilizando-se os termos antecedente e conseqüente (X PREP Y) têm-se duas opções: Educação *para* Informação e Educação *em* Informação. Observando o que foi posto anteriormente, a preposição ‘*para*’ transmite a ideia de término, de um movimento que tem fim ao chegar no termo Informação. Em outra vertente, a preposição ‘*em*’ também indica movimento, entretanto, o movimento de ‘*em*’ é interno, caminha para interiorizar um ensinamento, um postulado. Desta maneira, entende-se que Educação seria o campo do saber que leva seu conteúdo em direção a algo. Mas esse percurso semântico carregado pela preposição ‘*em*’ tem a intenção, o objetivo de desvendar com os instrumentos da Educação, as sublinhas da Informação. A Educação é o que já está estabelecido de antemão como a grande área de conhecimento e

Informação, nesse caso, será o ponto de perscrutamento, de dissecação cirúrgica feita pelas teorias e métodos da Educação: o antecedente tem a acrescentar ao conseqüente. O antecedente (Educação) entrará nos meandros do termo conseqüente (Informação) e produzirá saberes e descobertas nesse item lexical. Dessa forma, as autoras desta pesquisa entendem que entre *Educação para Informação* e *Educação em Informação*, o melhor termo para definir a proposta teórica que ora apresenta-se é *Educação ‘em’ Informação*.

Bourdieu (1982, p. 27) alerta que “não existem palavras inocentes”. Dessa forma, a escolha se apoia nos postulados expostos, esbarrando superficialmente nos pressupostos da semântica das preposições. Do ponto de vista da linguística cognitiva, a estrutura mental que impele para a escolha da preposição *em* recai sobre fatores extralinguísticos, motivados pela ideia de, revestidos pelo saber da Educação, mergulhar na Informação buscando elucidar as entrelinhas, os recônditos dos não ditos ou dos dizeres esvaziados de sentido ou plenos de falsos sentidos.

A aposta na expressão “educação em informação”, portanto, está alicerçada no sentido da relação que se dá entre “educação” e “informação” partilhado pelas autoras, o que será desenvolvido como tema da próxima seção.

## **2 EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO**

Neste artigo, a educação é compreendida desde uma perspectiva libertadora, uma educação que promove a reflexão sobre o mundo e minha posição nesse mundo. Isso faz ressituar a relação do indivíduo com a informação. Não se trata de ensiná-lo a memorizar conteúdo ou mesmo realizar buscas de informação desalinhadas de sua realidade, mas uma educação que o estimule a pensar se e por que precisa aprender tais coisas, qual a sua responsabilidade perante o uso da informação e a quem interessa tal uso. Trata-se de uma educação entusiasmada, gerada a partir de um esforço coletivo que ocorre quando há um interesse pelo outro, conforme bell hooks (2017).

Assim, trata-se de um ensino alinhado com a perspectiva de Landøy, Popa e Repanovici (2020, p. 14), para quem

[...] no pensamento pedagógico contemporâneo, o ensino deve estar relacionado com uma visão de aprendizagem como sendo um aluno ativo, reflexivo e consciente, colocado em condições

de recolher informação e utilizá-la em diferentes contextos, aprendendo pela ação e reflexão, pela criação e resolução de problemas, juntamente com outros<sup>8</sup>.

Essa educação é crucial em um contexto marcado pelo fenômeno da desinformação. Para Paixão, Cuevas-Cerveró e Linhares (2022), o paradoxo da sociedade contemporânea é que as mesmas tecnologias que propiciam acesso à informação, também levaram ao aumento da desigualdade, pois o excesso de informações demanda capacidades específicas, que os autores chamam de alfabetização informacional; conceito este alinhado com o que denominamos de educação em informação.

Há diversos tipos, formas e níveis de desinformação: informação fora de contexto, tendenciosa, enviesada, desatualizada etc. (Heller; Jacobi; Borges, 2020). Apesar dessa variedade de tipos e níveis, a desinformação não encontra terreno para proliferar quando as pessoas assumem uma postura solidária, crítica e ética. Em outras palavras, não importa se é uma *fake news* ou apenas uma informação desatualizada: se há educação em informação, o sujeito estará preparado para ter uma postura questionadora frente a qualquer conteúdo e fonte. “A medida mais eficaz para prevenir casos de desinformação é promover o pensamento crítico para que os próprios cidadãos possam filtrar as informações pesquisadas” (Paixão; Cuevas-Cerveró; Linhares, 2022, p. 539). Tal postura impactará, inclusive, no fenômeno da pós-verdade, pois as pessoas terão maior comprometimento com os fatos e as evidências sabendo diferenciar informação de opinião/ crença/ fé.

A promoção do pensamento crítico nas questões e dinâmicas informacionais servem como *input* e *output* no âmbito das pesquisas e práticas do campo da informação, especialmente na perspectiva da educação em informação, seja de forma direta ou indireta. Exemplo disso é a diversidade terminológica que pode ser inserida neste escopo. Como é o caso das discussões sobre alfabetização informacional, bibliodivulgação, educomunicação, competência crítica em informação, competência em informação, competência

---

<sup>8</sup> Tradução livre de: “*in contemporary pedagogical thinking, teaching should be related to a vision of learning as being an active, reflexive and conscientious student placed in a position to gather information and use it in different contexts, learning through action and reflection, by creating and solving problems, along with others.*”

informacional, infoeducação, letramento informacional. Sem contar as variações que trazem os temas sobre mídia.

No estudo deste campo científico pode-se visualizar afinidades, disparidades, tensões e distinções estabelecidas, que podem às vezes representar a dialogicidade advinda da formação ou atuação de pesquisadoras e pesquisadores que agem na interdisciplinaridade desta temática. Destaca-se a infoeducação que traz em seu cerne a apropriação crítica e criativa da cultura de informação, a partir da qual as pessoas sejam capazes de “escolher caminhos e não simplesmente percorrer com eficácia tramas culturais cujos sentidos lhes escapam ou lhes são alheios” (Perrotti, 2016, p. 11).

Essa apropriação crítica e criativa se coaduna com a abordagem educativa evidenciada no início da seção: não se trata apenas de ensinar as pessoas a buscar e avaliar a informação, mas de estimulá-las a refletir de que informação realmente necessitam e como podem usá-la não só para entender o mundo, mas para mudá-lo.

Na discussão sobre aprendizagem, Zattar (2022) estabelece uma relação entre as teorias de aprendizagem e a noção de competência em informação. Para isso, considera Wendell G. Johnson (2008) ao dizer que a teoria de aprendizagem influencia na estrutura da atividade de competência em informação e reforça o papel do bibliotecário como educador. Além disso, tem como ponto de partida Talja, Tuominen e Savolainen (2005), no texto sobre construtivismo cognitivo, socio construtivismo e construcionismo no campo da informação.

A dimensão formativa perante a informação não é algo recente. Na Biblioteconomia, por exemplo, o conceito de “educação de usuários” tem certa tradição. Contudo a ideia subjacente a essa educação usualmente prende-se a ensinar os usuários da biblioteca a usar os recursos informacionais disponibilizados por esta. Observa-se, portanto, três limitações: 1) é uma formação voltada somente àqueles que usam os serviços da biblioteca; 2) os recursos informacionais objeto de ensino são aqueles disponíveis ou disponibilizados pela biblioteca, a exemplo das bases de dados que assina; 3) mas a principal limitação talvez esteja no sentido de educação embutido na expressão, na medida em que se alinha, em geral, ao conceito bancário de educação, conforme enunciado por Freire (2019).

Assim, a educação de usuários esteve sempre mais ligada à formação de pessoas para usar a biblioteca e seus recursos, em detrimento do uso da informação de forma mais ampla ou fora do escopo da biblioteca (Silva; Nunes; Teixeira, 2021). Por outro lado, é preciso reconhecer que a educação de usuários forneceu alguns subsídios teóricos e metodológicos que foram aproveitados e incorporados pela educação em informação. Até porque deve-se reconhecer que a pesquisa não é necessariamente um amontoado de superações e sim de desenvolvimentos.

Além disso, a concepção de educação em informação vincula-se a alguém que não apenas consome conteúdos, mas que também produz, rejeita e remixa esses conteúdos. Não caberá neste texto uma problematização em torno da noção de usuário. No entanto, nossa proposta quer demarcar a perspectiva dialógica e interacionista em que a informação é uma prática social e seu uso se dá por meio da aplicação de significados construídos coletivamente nas ações sociais (Araújo, 2013). Assim, a postura crítica e social que a educação em informação propõe alinha-se ao conceito de sujeito informacional:

O sujeito informacional se constitui por ter uma posição no espaço socioinformacional específico, por observar, refletir, analisar e atuar na estrutura social sob profunda crítica, por ser detentor de um capital de informações sobre a situação social, como agir para denunciar que o status quo contemporâneo requer reestruturação; a partir do sentimento de comunidade e do reconhecimento do outro<sup>9</sup> (Rendón-Rojas; García-Cervantes, 2012, p. 42).

A educação em informação, portanto, refere-se à formação desse sujeito informacional consciente de seu espaço e papel no mundo, que significa os aparatos tecnológicos a partir de sua cultura, utilizando-os para decidir qual informação lhe é relevante não só para entender o mundo, como para mudá-lo. A educação libertadora (Freire, 2019) está na base conceitual da educação em informação, na medida em que esta prevê a promoção de uma aprendizagem que leve os sujeitos a pensar autonomamente - a partir da seleção, avaliação e produção de informações úteis - para transformar a sua realidade.

---

<sup>9</sup> Tradução livre de: *"El sujeto informacional se constituye al tener una posición en el espacio socioinformacional concreto, al observar, reflexionar, analizar y actuar en la estructura social bajo una crítica profunda, al ser poseedor de un capital de información de coyuntura social, como un acto político para denunciar que el status quo contemporáneo requiere de una reestructuración; a partir del sentimiento de comunidad y reconocimiento del otro"*.

Há estudos e experiências empíricas concretas empregando o conceito de educação em informação, a exemplo daquele relatados por Borges, Belinaso e Corrêa (2022). Nesse trabalho, independente do termo (promoção de competências infocomunicacionais), observa-se o emprego do conceito “educação em informação” conforme relatado neste artigo.

### **3 CONCLUSÃO**

Neste artigo discutimos algumas variações quanto ao uso de preposições no Português do Brasil. Como elemento de ligação, alguns fatores justificam seu uso. Nessa perspectiva, a razão da escolha da preposição “em” para a locução “educação em informação” não deixa de ter um componente semanticizado, no qual entende-se que há um processo de a Informação receber em seus pressupostos os aportes da Educação: “as preposições expressam as relações entre a percepção humana e o espaço físico que está à sua volta” (Perini-Santos, 2011, p. 39). Os conteúdos estão disponíveis e o sujeito social utilizará os aportes recebidos da educação para construir sentido e realizar sua avaliação crítica sobre o fenômeno construindo a informação. Nesse sentido, o sujeito social irá perscrutar a informação, a analisar criticamente e dela fará uso de acordo com sua necessidade. Dessa forma, este artigo assume que a informação é atravessada epistemologicamente pela educação, um de seus suportes no âmbito formativo perante o fenômeno informacional.

Além disso, destaca-se que a opção pela expressão “educação” em detrimento de outras opções - como “competência”, “alfabetização” ou “letramento”, por exemplo - vincula-se ao reconhecimento da complexidade que a formação diante do contexto informacional requer na atualidade. Em outras palavras, a educação em informação não se refere a uma mera capacitação quanto ao uso de fontes de informação ou avaliação de conteúdos, por exemplo, mas ao conjunto formativo que passa por essa capacitação, mas avança para a compreensão do papel da informação na sociedade e as possibilidades de mudança a partir da educação do sujeito informacional.

A variedade da representação da relação entre informação e educação demonstra uma disputa a partir da terminologia ou, ainda, a distinção a partir do significado atribuído. A distinção aqui tem como referência a ideia de Bourdieu.

Sabemos que há uma diferença na terminologia usada, mas que também há uma disputa no campo científico a partir da linguagem. Seja pelo significado dos termos, seja pela origem das pessoas pesquisadoras no campo da informação.

Espera-se que a proposta aqui apresentada fomente as discussões sobre a formação e a ação biblioteconômica na relação entre educação, linguística e informação na medida em que a informação é uma prática discursiva. Como possibilidades de futuros desdobramentos indica-se uma pesquisa sobre a “educação em informação” em nível internacional de modo que seja possível reconhecer o campo de estudos em torno da temática. Além disso, visualiza-se como possibilidade, a aproximação dos estudos sobre as diferentes teorias de aprendizagem. Por fim, indica-se a possibilidade de um percurso que congregue e apresente produções que contemplem estudos empíricos e pragmáticos sobre práticas de educação em informação em diferentes contextos e comunidades de ensino e de educação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. XIV, ENANCIB, 2013, Florianópolis, SC. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14., 2013, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, SC: XIV ENANCIB, 2013. Disponível em:

<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/142/263>. Acesso em: 1 nov. 2013.

BORGES, J.; BELINASSO, J.; CORRÊA, Érica. **Por uma estrutura conceitual e metodológica para a promoção de competências infocomunicacionais.**

Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/39997>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: EdUSP, 1996.

CÂMARA JR, J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática.** 8. ed. Rio de Janeiro-Petrópolis, 1978.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. **MATRAGA,** Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

CUNHA, C; CINTRA, L. **A nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DICIONÁRIO de Linguística. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 49, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 23 mar. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF, 2017.

LANDØY, Ane; POPA, Daniela; REPANOVICI, Angela. **Collaboration in designing a pedagogical approach in information literacy**. [S. l.]: Springer Nature, 2020. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/23299>. Acesso em: 1 mar. 2024.

PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora; LINHARES, Ronaldo Nunes. A Alfabetização Informacional para uma Educação Libertadora: uma abordagem transdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Educação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 534–551, 2022. DOI: 10.26512/rici.v15.n2.2022.39495. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/39495>. Acesso em: 1 mar. 2024.

PERINI-SANTOS, Pedro. Questionando a regularidade da formação das preposições: comentário sobre acidentes e contatos linguísticos. **PAPIA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 25-35, jan./jun. 2015.

PERINI-SANTOS, Pedro. Análise cognitiva da preposição DE do português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 37-62, 2011.

PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2016. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314> Acesso em: 21 jul. 2021.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Angel; GARCÍA-CERVANTES, Alejandro. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 17, n. 33, p. 30-45, 2012. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/147/14723067003.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2024.

SILVA, Carlos Robson Souza; NUNES, Jefferson Veras; TEIXEIRA, Thiciane Mary Carvalho. Do conceito de informação ao discurso sobre competência em informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 185-205, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/158094/167495>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TAJLA, Sanna; TUONIMEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. "Isms" in information science: constructivism, collectivism and constructionism. **Journal of Documentation**, vol. 61 n. 1, p. 79-101, 2005.

VILELA, Thatiana Ribeiro; ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 296-310, 2017.

ZATTAR, M. Relations entre theories d'apprentissage et competences en information. In: COUZINET, V.; MARTELETO, R. (Org.). **Médiations info-communicationnelles: recherches récentes brésiliennes et françaises**. Toulouse: Cèpaduès, 2022. v. 1, p. 55-70.